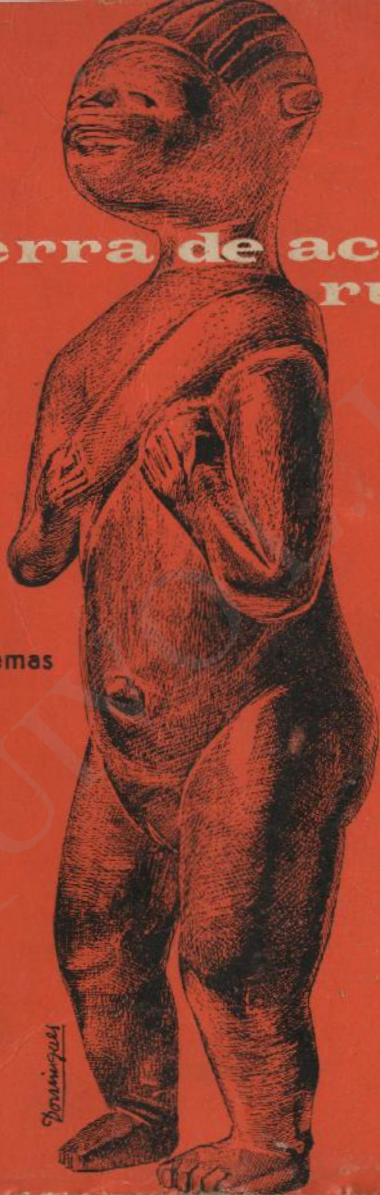


COSTA
ANDRADE

terra de acácias
rubras

Poemas



Domingos

LUCIO LARA

terra de acácias rubras

LARA
1961

COLECCÃO AUTORES ULTRAMARINOS

Dirigida por

CARLOS EDUARDO
COSTA ANDRADE

- N.º 1 — *Amor* (Poemas, 1960) de M. António
N.º 2 — *A Cidade e a Infância* (Contos, 1960) de Luan-
dino Vieira
N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960) de Arnaldo Santos
N.º 4 — *Poemas* de Viriato da Cruz (1961)
N.º 5 — *Poemas de Circunstância*, de António Cardoso
N.º 6 — *Terra de Acácias Rubras*, de Costa Andrade

COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

COSTA ANDRADE

**terra de acácias
rubras**

poemas

LISBOA
MCMLXI

O AUTOR

Fernando da Costa Andrade nasceu no Lépi (Angola) a 12 de Abril de 1936.

De parceria com Carlos Eduardo, dirige a presente colecção, tendo participado activamente no movimento editorial da Casa dos Estudantes do Império.

É ainda elemento ligado à «Cultura», Jornal da Sociedade Cultural de Angola. Está representado em «Poetas Angolanos» e «Contistas Angolanos» colectâneas da CEI. Colaboração em «O Planalto», «Jornal de Angola», «Cultura» e «Mensagem» — boletim da CEI.

«Terra de acácias rubras» é o seu livro de estreia.

A sair «Os regressados das ilhas», caderno de contos da colecção «Imbondeiro».

PARA

MEUS

PAIS

Ao

fernando luiz de castro

j. loureiro salústio

a. tomás medeiros

rui mendo

carlos ervedosa

antónio cardoso

arnaldo santos

e

luandino vieira

a voz da terra

I

A poesia nasce como os rios
e as pessoas
as avenidas
e o mar

Porque a poesia vive em tudo
e em tudo se confunde
com o sonho.

II

A rocha o vento a ave
deslumbraram-se
Do seio
a terra transformou-se em homens...

e vieram braços
e vieram homens
a terra transformou-se em pão...

e mais homens
e mais braços
e anseios
a terra transformou-se em luz...

e luz
e homens
e braços
até que a terra se transforme
na terra dos seus filhos.

III

IV

Eu sei irmão que a tua dor
 não posso avaliá-la exactamente
mas nasci com um caminho igual ao teu.

Isso me basta
 para sentir na carne
as feridas que tu sentes e os anseios.

V

As flores vermelhas das acácias
lembram chagas
mas as tuas são piores.

Quando eu morrer
abre-me o peito
e verás irmão
que as minhas são piores ainda...

São as tuas e as minhas
e as das acácias
que sangram.

VI

*À Maria Manuela
e ao Alfredo*

Amanhã
a flor vermelha
das acácias
há-de lembrar apenas
a flor vermelha das acácias
ou bandeiras flutuando ao vento

porque a sciva que tiver nas veias
dará ao tronco
a imponência
do estandarte do triunfo

A flor vermelha das acácias
será facho de vida
a florir do sonho
que nos preenche.

VII

E a evocação
não será feita
com saudade
como falar
das brincadeiras
que bricámos.
Será dizer
aos nossos filhos
que a vitória
foi de lágrimas
quando não havia
nem mais lágrimas vermelhas
para dar...

VIII

Nunca foi vã
esta procura de caminhos
cobrindo as lavras
de milho e massambala.

Foi o caminho.

E as aves que levaram
esses grãos
espalharam a razão

das nossas vidas

gritante
sobre o silêncio das idades.

Mensagens dum mundo novo
que da sombra das acácias
se derrama.

IX

X

Havias de nascer
 como vivi
para sentires
 a terra
 quente
 saborosa
 e amiga

ter a boca seca
 os dedos
 esventrando convulsões.

Havias de nascer assim
 e terias como eu
 os olhos
 os cabelos

a vontade
como a terra

e então
serias
mãe da liberdade
e dos poetas
o amor
que procuro
em todas as distâncias.

XI

Havias de ter
 crespados
os lábios
como as rochas
para seres
a vida
dos meus versos

ter na carne
 cravado
com raízes
o segredo
que aproxima
os homens
na Luz e no Amor

Serias
gorjeio
das aves da vitória
e o eco
do meu grito.

XII

Havias de ter
nos olhos
as chamas
dos vulcões
para seres
o fogo
destas veias

ter nos lábios
um sorriso
permanente
como as águas claras
de um regato

ter nas palavras
a firmeza
da terra nossa mãe

e mais

que mãe de poetas
que mãe de mártires
que mãe de escravos
que mãe de heróis

serias

mãe de Homens livres
e o amor
que florisse a terra
e perfumasse a vida.

1959-1960

mulato

Pertenço à geração que há-de vencer
e tenta abrir novas estradas
sobre o mundo.

Não paro nem me canso
nem me assusto
nem mesmo grito já
as vozes que o silêncio enrouqueceu.

Nasci igual a uma mensagem
com raízes em todos os continentes...

Fizeram-me capaz de amar
e de criar
carregaram-me os ombros
de certezas

e deram-me a coragem de transpor
impedimentos.

Mas sou apenas Homem.

Igual a ti irmão de todas as europas
e a ti irmão que transpareces
as áfricas futuras.

março, 1960

Aos passos mornos
de um sardão ao sol
invejo a volúpia.

Ao sono de uma cobra
entre ramagens de maracujás
invejo o ódio.

Depois
só queria possuir a força criadora
das abelhas.

1961

dádiva

Sou mais forte que o silêncio dos muxitos
mas sou igual ao silêncio dos muxitos
nas noites de luar e sem trovões.

Tenho o segredo dos capinzais
soltando ais
ao fogo das queimadas de setembro
tenho a carícia das folhas novas
cantando novas
que antecedem as chuvadas
tenho a sede das plantas e dos rios
quando frios
crestam os ramos das mulembas.

... e quando chega o canto das perdizes
e nas anharas revive a terra em cor
sinto em cada flor
nos seus matizes
que és tudo o que a vida me ofereceu.

1959

confiança

Olha amor estas anharas
nelas renasce
o verde forte
do capim...

Olha e escuta a vida
a borbulhar
sob a imensa sensação
de sermos nós

Olha amor
e solta enfim
o brado da certeza

que não é crime
o grito à vida
e ao amor que se adivinha.

Olha amor estas anharas
renasce verde
o capim da terra grávida
de bocas saciadas.

Olha amor escuta
esta imensa sensação
de sermos Nós.

1960

Nunca digas fim
a qualquer esperança.

A pitangueira
que termina o ciclo
(repara)
deixa sementes.

Ainda que as formigas bravas e as lagartas
se tornem egoístas muitas vezes.

1961

Se o fogo das queimadas
fosse a vida
a vida não valia o sacrifício
há muito que o sonho se perdera...

As queimadas devoram as anharas
e o fogo apaga-se com a morte.

No capim, que não espera por novembro
e pulsa verde
gritante à beira do caminho
é que está a Vida.

1960

poemas para um tocador de quissanje

1

Leio nos teus olhos
a minha infância
como quem olha um retrato
envelhecido e mudo...

Os teus olhos parados
claros de luas passadas
não são mais que pedras frias
onde perpassam cacimbos...

...no entanto leio neles
todo esse mundo querido
de mistérios
assombrações

e receios
claras manhãs de janeiro
calor de todos os jangos
verdes capins sorrindo...

Falam de noites da vida
vidas da vida falando
na linguagem de um quissanje

2

Eras o maior
dos tocadores de quissanje...

Vinham gentes
e paravam...
ao luar de frios ventos
de jangos mudos
e as mulembas
não embalavam
as folhas...

Na longa noite do tempo
inda se escutam e choram
teus acordes de quissanje
mensagens de além perdido.

3

...e vinham

das distâncias
eram das terras da lunda
e os regressados das ilhas
e as crianças que não iam
muito p'ra além dos luandos
e das portas

e eram velhas

cachimbando

junto às fogueiras

sem lenha

e vinham todos...

Alongava-se na noite
canto de escravos passados
vozes de contratados
o teu quissanje dolente...

...as velhas já não choravam
filhos perdidos no mar
e as crianças não choravam
a fome dos ventres grávidos
e as mulheres já não choravam
homens levados de noite
em cargas silenciosas...
e as lavras já não choravam
e as estradas
e os mares
suor dos ombros cansados
e os homens
já não choravam
já não choravam
já não choravam

Calavam.

5

Havia conchas de mar
múcuas e pitangueiras
falas de gentes quiocas
vozes de terras ganguelas
gritos de homens cuanhamas
o amor de jòvens lucnas
e lendas de mucubais

inconformadas presenças
pairando em cada silêncio
em cada vagem que seca
como promessas de pão feitas fome
na realidade diária.

Havia
 havia
 havia
humanidades de espera
como promessas de pão.

outubro, 1960

x

jangos

O amálgama
de acusações
dos ramos secos
das mulembas

e sombras onde as sombras
foram luz...

receios mudos
apagados
diluídos
nas paredes tortuosas
das cubatas

...nos corações há vidas
de mortes que foram vidas
ecos de caminhos
e segredos

desfeitos no encontro
com as vozes das sanzalas

...um fogo de queimada
transmitido
em cada gesto
do fumo
dos cachimbos
e pausas graves na noite

as noites
as noites longas
são marcas
contando o tempo e a idade.

1959

† sanzala morta

Erguem-se monstros na noite
como elefantes
de formas que não suas
mas enormes como sombras
de elefantes solitários.

Erguem-se esquinas
na noite
vidas que quebrassem
tivessem cristalizado
em gemidos
e caprichos
de casas abandonadas.

Erguem-se esquinas
na noite
vozes de rios secos
sobre as pedras
que os beberam
com suas bocas de musgo.

E a cada passo inseguro
somam-se esquinas
e areias
e pedras
formas conseguidas pelo tempo
entre gargalhadas de fuga
e do negrume.

Só quando sob os muxitos
choram hienas
e assobiam serpentes
e aparecem
feridas
de lua cheia
se descobre nesse drama
como retratos da morte
sanzalas abandonadas.

novembro, 1960

x contratados

A hora do sol posto
as rolas traçam
desenhos de feitiços sinuosos

caminhos sob a calma das mulembas

e abraços de segredos e silêncios.

...longe ...muito longe
um risco brando
acorda os ecos dos quissanjes
vermelho como o fogo das queimadas
com imagens de mucuisses e luar.

Canções que os velhos cantam
murmurando.

...e nos homens cansados de lembrar
a distância vai calando máguas

renasce em cada braço
a força de um secreto entendimento.

1959

homem-terra

Ao Vieira Lopes

A vida ali parou
como se o tempo
caprichasse
tornar-se algum rochedo.

O homem fez-se igual ao tempo
e do corpo
correm bagas de suor.

Os montes
não mais voltaram a cobrir-se
de verde
ou de mensagens doutra cor.

...sòmente a mudez arrefecida
dos vastos horizontes
e gemidos nos espaços.

Ao lado
a passos largos
iluminam-se avenidas indiferentes
aumenta a gritaria do ferro
e do cimento
crescem gentes ritmadas
ao som dos atabaques
sobre agónicas
e conseguidas impotências.

Até que o homem
de si faça uma certeza.

1960

ÍNDICE

A VOZ DA TERRA

I	11
II	12
IV	13
V	14
VI	15
VII	16
VIII	17
X	18
XI	20
XII	21
MULATO	23
aos passos mornos	25
DÁDIVA	26
CONFIANÇA	28
nunca digas fim	30
se o fogo das queimadas	31
POEMAS PARA UM TOCADOR DE QUISSANJE	32
JANGOS	38
SANZALA MORTA	40
CONTRATADOS	42
HOMEM-TERRA	44

INDICE

Composto e impresso nas oficinas
gráficas da Editorial Minerva
— Rua da Alegria, 30 — LISBOA

EDIÇÃO DO AUTOR

AC-01-07

414

0414
AC-01